

# HERMANN HESSE

Prémio Nobel de Literatura

## UMA BIBLIOTECA DA LITERATURA UNIVERSAL



cavalo de ferro

## ÍNDICE

|                                              |     |
|----------------------------------------------|-----|
| UMA BIBLIOTECA DA LITERATURA UNIVERSAL ..... | 9   |
| DA RELAÇÃO COM OS LIVROS .....               | 47  |
| DE LER E DE POSSUIR LIVROS .....             | 51  |
| DO ESCRITOR .....                            | 55  |
| O JOVEM POETA .....                          | 61  |
| SOBRE A LEITURA .....                        | 65  |
| SERÃO COM O AUTOR .....                      | 71  |
| DE LER LIVROS .....                          | 81  |
| EM QUE É QUE O POETA CRÊ .....               | 89  |
| MAGIA DO LIVRO .....                         | 91  |
| A MINHA LEITURA PREFERIDA .....              | 105 |

## UMA BIBLIOTECA DA LITERATURA UNIVERSAL

(1929)

A verdadeira cultura não é aquela que almeja um determinado objectivo mas sim aquela que, como acontece em qualquer procura da perfeição, tem o seu próprio significado ínsito. Tal como a procura da força, da agilidade e da beleza física não tem um objectivo próprio definitivo (por exemplo, o de nos tornar ricos, célebres e poderosos), antes encontra em si mesma a sua recompensa, na medida em que exalta o nosso sentido vital e a nossa confiança em nós próprios, nos torna mais alegres e mais felizes e nos dá uma maior sensação de segurança e de saúde, também a procura da «cultura», ou seja, de um aperfeiçoamento intelectual e espiritual, não é um fatigante caminho em direcção a uma meta bem precisa, antes sendo, pelo contrário, um fortificante e benéfico alargamento da nossa consciência, um enriquecimento das nossas potencialidades de vida e de alegria. Por isso, a verdadeira cultura, tal como a educação física, é, ao mesmo tempo, um estímulo e uma satisfação, atinge sempre o alvo mas não pára em lugar algum, é um proceder no infinito, um vibrar em uníssono com o universo, um viver com isso fora do tempo. O seu objectivo não é o desenvolvimento de uma única faculdade ou capacidade; essa ajuda-nos, principalmente, a dar um sentido à nossa vida, a interpretar o passado, a abrimo-nos ao futuro com corajosa prontidão.

Entre as vias que conduzem a esta cultura, uma das mais importantes é o estudo da literatura universal, o adquirir, pouco a pouco, familiaridade com o imenso tesouro de pensamentos, experiências, símbolos, fantasias e miragens que o passado nos deixou em herança nas obras dos poetas e dos filósofos de muitas nações. Esta via é interminável, ninguém a poderá alguma vez percorrer até ao fim, ninguém conseguiria esgotar o estudo e o conhecimento da inteira literatura de um único povo civilizado, para não falarmos daquela da humanidade inteira. Porém, por outro lado, cada nosso ingresso inteligente na obra de um grande poeta ou de um importante filósofo é uma experiência feliz e satisfatória, que acrescenta em nós não uma soma de noções mortas mas antes a nossa consciência viva e a nossa compreensão. Aquilo que nos deve importar não é termos lido e conhecer o mais possível mas sim, através de uma escolha livre e pessoal de obras-primas às quais nos dedicaremos plenamente nas nossas horas livres, fazermos uma ideia da grandeza e da abundância daquilo que o homem pensou e desejou, e de nos situarmos numa relação de vivificante conformidade com a soma das coisas, com a vida e com o pulsar da humanidade. Este é, no fundo, o significado de toda a existência que não se limita à pura necessidade material. A leitura não deve, de modo algum, «distrair-nos» mas sim concentrar-nos; não nos deve fazer esquecer uma vida sem sentido, nem aturdir-nos com uma consolação ilusória, antes devendo, pelo contrário, contribuir para dar à nossa vida um significado sempre mais elevado e mais pleno.

Ora, a escolha através da qual ficamos a conhecer a literatura universal será diferente para cada um de nós; esta não depende apenas do tempo e do dinheiro que cada um dos leitores pode sacrificar a esta nobre exigência, também depende de muitas outras circunstâncias. Para uma pessoa, por exemplo, Platão

será o sábio venerado e Homero o poeta predilecto, e estes autores estarão sempre para ela no centro de qualquer literatura, a partir da qual tudo o resto será ordenado e julgado; para outras, serão outros nomes a cumprir a mesma função. Uma pessoa estará em condições de desfrutar das mais nobres formas do verso, de participar intimamente nos engenhosos jogos da fantasia, na vibrante música da linguagem; outra irá ater-se mais rigorosamente ao dado puramente conceptual. Uma pessoa preferirá sempre as obras escritas na própria língua materna ou quererá mesmo ler apenas essas; outra, pelo contrário, terá sempre uma predilecção particular pelos franceses, pelos gregos ou pelos russos. Acrescente-se que até o homem mais douto deste mundo não conhece senão poucas línguas e que nem todas as obras importantes de outros tempos e povos estão traduzidas para alemão, como também muitas obras poéticas não são, de modo algum, traduzíveis. A verdadeira lírica, por exemplo, aquela que não se contenta com enfeixar comodamente um belo conteúdo entre versos agradavelmente construídos mas no seio da qual a música de uma linguagem criativa se transforma num vibrante símbolo do mundo e da vida, uma lírica tal ficará sempre ligada à inimitável linguagem do poeta, não só ao seu idioma materno mas também a outro idioma seu, o idioma poético e pessoal, do qual só ele é capaz e que é, portanto, intraduzível. Algumas das criações poéticas mais nobres e preciosas (pensemos, por exemplo, na lírica provençal dos trovadores) já não são acessíveis e desfrutáveis senão para pouquíssimas pessoas, dado que a sua língua e, com ela, a civilização que as produziu, já desapareceu e não pode ser revivida senão por via erudita, com amoroso estudo. Temos, todavia, a sorte de dispor de um riquíssimo património de boas traduções de línguas mortas e estrangeiras.

Para uma relação viva do leitor com a literatura universal é, sobretudo, importante que ele se conheça a si próprio e,

consequentemente, que conheça as obras que agem sobre ele de um modo particular, evitando seguir um qualquer esquema ou programa cultural. A via que ele tem de percorrer é aquela do amor, não aquela do dever. O facto de nos obrigarmos a ler uma obra-prima só porque é celeberrima e nos envergonharmos de ainda não a conhecermos seria um grave erro. Cada um de nós deve começar a ler, conhecer e amar aquilo que lhe suscita espontaneamente essa vontade. Uma pessoa irá descobrir dentro de si o amor pelos belos versos desde os primeiros anos da escola, outra descobrirá o amor pela história ou pelas lendas da sua pátria, outra, talvez o gosto pelos cantos populares, e outra ainda achará atraente e deliciosa a leitura daquelas obras nas quais ela vê serem observados com exactidão e interpretados com uma inteligência superior os nossos sentimentos mais íntimos. As vias são inumeráveis. É possível começar pelo livro de leitura escolar ou pelo almanaque, para acabar em Shakespeare, em Goethe ou em Dante. Não devemos querer domar com a força ou a paciência uma obra sobre a qual ouçamos muitas loas, que tentamos ler mas não nos agrada, que nos opõe resistência e nos proíbe o acesso; é melhor repô-la (onde estava). Por isso, não é necessário convidar e exortar com demasiada insistência os jovens e os muito jovens a uma determinada leitura; deste modo, arriscamo-nos a fazer com que os mais belos livros do mundo, ou, melhor, a verdadeira leitura em geral, lhes pareçam odiosos para toda a vida. Cada um deve começar onde uma poesia, um canto, um conto, uma observação lhe tenham agradado e, partindo daí, deve ir à procura de coisas semelhantes.

E agora basta de introdução! A venerável pinacoteca da literatura universal está aberta a todos os homens de boa vontade, ninguém se deve deixar intimidar pela sua riqueza, porque aquilo que conta não é a quantidade. Há leitores que, durante uma vida inteira, se limitam a ler uma



dúzia de livros e que são, no entanto, verdadeiros leitores. E há outros que devoraram tudo e que sabem falar de tudo e, não obstante, os seus esforços foram vãos. Na verdade, a cultura pressupõe o cultivo de qualquer coisa: isto é, de uma personalidade, de um carácter. Onde estes faltarem, onde uma cultura destituída de substância age, por assim dizer, no vácuo, talvez se desenvolva um saber mas certamente que não se desenvolverão o amor e a vida. A leitura sem amor, o saber sem reverência e a cultura sem coração estão entre os piores pecados que se podem cometer contra o espírito.

Enfrentemos a nossa tarefa! Sem qualquer ideal erudito, sem qualquer pretensão de completar seja o que for mas seguindo na substância a minha pessoalíssima experiência de homem e de leitor, tentarei descrever nestas páginas uma pequena biblioteca ideal da literatura universal. Começo apenas com alguns conselhos práticos que concernem o uso dos livros.

Quem quer que tenha começado a percorrer este caminho e esteja familiarizado um pouco com o mundo imortal dos livros não só irá entrar muito rapidamente numa nova relação com o respectivo conteúdo como também o fará com os próprios livros. Dizer que seria necessário não só ler mas também comprar os livros é uma exigência frequentemente recomendada, e como velho bibliófilo, e proprietário de uma biblioteca que não é pequena, posso assegurar por experiência própria que comprar os livros não serve apenas para engordar os livreiros e os autores, e que a posse de livros (e não somente a sua leitura) tem as suas alegrias e uma sua moral completamente específicas. Pode ser, por exemplo, uma alegria e um agradabilíssimo desporto para quem, tendo uma escassa disponibilidade de dinheiro, consegue todavia, com inteligência, astúcia e tenacidade, recorrendo às edições populares, menos caras e consultando

sem pausa uma infinidade de catálogos, juntar pouco a pouco, apesar de todas as dificuldades, uma bela pequena biblioteca. Vice-versa, obter a melhor e a mais bonita edição de todos os livros preferidos, coleccionar livros velhos e raros, e tornar em seguida mais preciosos os próprios volumes com encadernações bonitas e originais, concebidas com amor, é uma das alegrias mais escolhidas por uma pessoa culta que disponha de amplos meios. Aqui, desde a compra consciente da modéstia do próprio pecúlio ao luxo mais dispendioso, deparam-se-nos muitas possibilidades e muitas alegrias.

Quem começa a organizar uma biblioteca própria deverá ter sobretudo cuidado para não adquirir senão boas edições. Por «boas edições» não quero dizer as edições caras, mas aquelas nas quais os textos são apresentados de um modo verdadeiramente preciso e com o respeito que é devido às obras valiosas. Existem diversas edições com preços caros, encadernadas em pele, impressas a ouro e dotadas de ilustrações que, todavia, são realizadas de um modo miserável e com uma incúria absoluta, enquanto existem edições populares a baixo preço cujos editores trabalharam com uma fidelidade exemplar. Um mau costume actualmente quase generalizado é o de que quem quer que publique um autor poder atribuir à própria edição a designação de «Obras completas», enquanto essa edição não apresenta senão uma escolha limitada das mesmas. E que escolhas diferentes podem fazer, do mesmo escritor, curadores diferentes! O facto de alguém apresentar uma escolha cuidada de um autor por ele lido e relido no decurso de muitos anos, feita com amor e profundo respeito, ou de ser um literato qualquer, que recebeu por acaso essa tarefa, a fazê-la mal, com uma pressa desinteressada, não é, verdadeiramente, a mesma coisa. E, além disso, a cada nova edição digna desse nome, os textos deveriam ser revistos com o mais escrupuloso dos cuidados. Existiam



e continuam a existir muitas obras poéticas amadas pelo público que foram continuamente reproduzidas sem alterações, passando de um editor para o outro, sem que alguém fosse alguma vez consultar a edição original, acabando o texto por formigar de erros, deturpações e outros defeitos. Eu poderia citar exemplos surpreendentes. Mas infelizmente não é possível, a este propósito, dar receitas ao leitor, não é possível indicar-lhe, por exemplo, como absolutamente exemplares ou reprováveis determinados editores e as respectivas publicações. Quase todos os editores alemães de clássicos têm algumas edições boas e outras menos conseguidas; por exemplo, um dá-nos o Heine mais completo, com uma melhor revisão dos textos mas, por outro lado, a sua edição de outros poetas não é suficientemente cuidada. E, além disso, esta situação altera-se continuamente. Uma importante editora, em cuja colecção de clássicos o poeta Novalis tinha sido apresentado durante decénios com notável incúria, publicou há pouco tempo uma edição do mesmo autor que responde plenamente às mais severas exigências. Mas ao escolhermos a edição que queremos comprar, é necessário não prestarmos mais atenção ao papel e à encadernação do que à qualidade dos textos e também devemos evitar comprar o maior número de «clássicos» em edições semelhantes por amor da uniformidade externa; é preferível procurarmos e informarmo-nos caso a caso, até que, do escritor cujas obras queremos adquirir, encontremos a melhor edição. Um leitor, por exemplo, é perfeitamente capaz de decidir por si mesmo, de forma independente, quais os autores dos quais pretende uma edição o mais completa possível e de que outros, por outro lado, lhe basta uma selecção das respectivas obras. Neste momento, não existe sequer uma edição completa e satisfatória de alguns escritores, ou então está a ser preparada, há anos ou décadas, uma edição integral, sem que haja qualquer esperança de

a ver chegar a bom porto. Neste caso é necessário contentarmo-nos com uma edição moderna incompleta ou, com a ajuda dos alfarrabistas, é necessário procurar as edições antigas. Existem três ou quatro excelentes edições de alguns autores alemães, de outros apenas uma, e de outros ainda, infelizmente, nenhuma. Ainda hoje faltam um Jean Paul completo e um Brentano aceitável. Os importantes escritos de juventude de Friedrich Schlegel, que o próprio deixou sucessivamente de acolher na compilação das suas próprias obras, foram reeditados de um modo exemplar há algumas décadas mas estão esgotados há muitos anos sem que nada tenha chegado para os substituir. Foram realizadas magníficas edições de alguns autores negligenciados há décadas (por exemplo Heinse, Hölderlin ou Droste-Hülshoff) precisamente nos últimos anos. Entre as colecções populares de baixo preço nas quais se podem encontrar obras de todos os tempos e de todos os povos, a *Reclams Universal-Bibliothek* [Biblioteca Universal de Reclam] é ainda indiscutivelmente a melhor. De alguns poetas que amo e de cujas obras eu não saberia renunciar ao mais pequeno e desconhecido fragmento sequer, possuo duas e até três edições diferentes, cada uma das quais contendo qualquer coisa que falta às outras.

Se o estado das coisas é este para o nosso património literário e para as obras dos nossos melhores poetas alemães, a questão complica-se ainda mais quando se trata de traduções de outras línguas. O número das traduções verdadeiramente clássicas está longe de ser grande: delas fazem parte obras como a Bíblia alemã de Lutero ou o Shakespeare traduzido para alemão por Schlegel e Tieck. Nestas traduções magistrais a nossa língua apropriou-se de obras escritas numa língua estrangeira: por muito tempo, mas não para sempre! Este «muito tempo» um belo dia acaba e a Bíblia de Lutero, por exemplo, já não poderia ser compreendida pela maior parte do nosso povo se não fosse continuamente submetida

a uma revisão linguística que a adequasse aos nossos tempos. Neste preciso momento, está prestes a sair uma Bíblia alemã completamente nova, traduzida sob a supervisão de Martin Buber, na qual temos dificuldade em reconhecer o livro familiar da nossa infância, tal é a mudança da sua forma. O alemão da Bíblia de Lutero já chegou ao limite de idade concedido a uma obra escrita na nossa língua. O alemão do século XVI já se tornou muito estranho para o alemão actual. Uma excepção única no seu género é representada pelo povo italiano com Dante, de cujo poema muitíssimos italianos sabem, ainda hoje, longos excertos de cor. Nenhum outro poeta europeu alcançou uma tal antiguidade sem ter de ser profundamente reelaborado ou mesmo traduzido. Para nós, no entanto, o problema de qual tradução alemã de Dante devemos ler é, literalmente, insolúvel: cada tradução é apenas uma aproximação e se num ponto qualquer nos sentimos cativados por uma passagem específica de uma tradução, é precisamente ali que vamos avidamente consultar o original, procurando compreender, procurando criar uma empatia com o italiano antigo daqueles versos venerandos.

Preparando-nos para cumprir agora a nossa tarefa de reunir uma boa pequena biblioteca universal, eis que nos deparamos imediatamente com uma regra que vale para toda a história do espírito: isto é, o facto de as obras mais velhas serem as que envelhecem menos. Aquilo que hoje está na moda e causa sensação poderá ser rejeitado amanhã; aquilo que hoje é novo e interessante já não o será depois de amanhã. Mas é provável que aquilo que já atravessou alguns séculos e ainda não está esquecido nem decaído também não deva sofrer oscilações notáveis de avaliação durante a nossa vida. Começemos pelos mais antigos e sagrados testemunhos do espírito humano, com os livros das religiões e dos mitos. Além da Bíblia, conhecida por todos nós, ponho no início da nossa biblioteca aquela parte

Os livros são fonte de satisfação, de alegrias e de conhecimento, enriquecendo a nossa vida e aumentando o valor da nossa existência. Mas quantos de nós já não nos sentimos perdidos nessa floresta densa e por vezes hostil que é o mundo dos livros e da literatura? O que ler? Como encontrar o livro que secretamente procuramos?

Hermann Hesse, escritor amado por gerações de leitores, guia-nos neste conjunto de textos fundamentais pela floresta de papel da literatura, introduzindo-nos à «magia do livro»: explica e ilustra com clareza o que significa encontrar um livro — acontecimento que pode ser tão ou mais importante do que o encontro com outra pessoa; ajuda-nos de forma simples e precisa no passo mais delicado e fundamental: a criação da nossa própria biblioteca; sugere-nos livros incontornáveis e explica-nos porque devemos travar conhecimento com eles; reflecte de forma actualíssima sobre o universo da leitura e da escrita.

**Um livro fundamental, inédito em português, para todos os leitores que pretendam iniciar ou aprofundar o seu conhecimento na arte subtil da leitura.**

ISBN 978-989-623-138-5



9 789896 231385



cavalo de ferro